

O FAZER METODOLÓGICO DA BUSCA COTIDIANA. O PERCURSO DO MÉTODO EM *TODOS OS NOMES*, DE JOSÉ SARAMAGO

BRUNA DI FÁTIMA DE ALENCAR CARVALHO

Introdução

O ser humano em decorrência da sua racionalidade observa o mundo e seus fenômenos de forma analítica e busca, portanto, estabelecer relações de causa e efeito entre aquilo que compõe o mundo sensível; observa, assim, todo o patrimônio material e imaterial com o qual entra em contato ao longo de sua existência, seja ele de natureza intrínseca ou extrínseca. A partir de tal postura investigativa, por conseguinte, acaba por estabelecer explicações para os fenômenos que experimenta ou constata ao longo do seu mesmo percurso de vida. É este o panorama do saber popular, senso comum, e que, assim como os demais tipos de conhecimento, acaba por desenvolver o método como forma de sistematizar o conhecimento resultado de suas conclusões.

O romance de José Saramago, *Todos os nomes*, acaba por identificar as abstrações e procedimentos metodológicos utilizados pelo protagonista no processo de investigação do paradeiro da mulher desconhecida. Neste texto, buscamos evidenciar tal percurso, utilizando-nos da respectiva fortuna crítico-literária do autor bem como aportes teóricos de hermenêutica filosófica. Apontamos que a busca sistemática para transpor os caminhos labirínticos da existência conduzem à formação de um conhecimento que ultrapassa a consciência do particular e alcança o

universal, ao passo que também reclama a superação de um chauvinismo científico pelo reconhecimento de uma multiplicidade de saberes que, ao invés de se excluir, devem coexistir e dialogar.

Para que se possa entender o estado de coisas atual da metodologia científica, faz-se premente entender como se chegou até aqui. Há de se enfrentar o percurso do método enquanto o panorama histórico do desenvolvimento do método científico enquanto uma teoria da investigação, conforme defende Mario Bunge (1980). Desponta então que, as primeiras grandes questões com as quais o ser humano se depara se baseiam na necessidade de compreender o mundo que o cerca e a si mesmo neste mundo. O homem precisa orientar-se dentro da sua percepção de existência. Isso posto, há de considerar que “a preocupação em descobrir e, portanto, explicar a natureza vem desde os primórdios da humanidade, quando as duas principais questões referiam-se às forças da natureza, a cuja mercê viviam os homens, e à morte” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 83). Assim, a atividade humana passa a ser guiada pelas explicações que ele atribui aos fenômenos, e, portanto, pelo conhecimento que ele adquire ao longo da vida.

No entanto, o ser humano também se guia por uma gama de conhecimentos que o precede, momentos nos quais organiza a si e a sua atuação no mundo a partir de saberes produzidos secularmente, como é o caso do saber mítico, do saber religioso, do senso comum e do saber filosófico (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 83-85). Assim, o simples ato de perceber-se no mundo conduz a um saber e, portanto, carrega todos os problemas milenares que lhe são correlatos ao fenômeno no conhecimento nos termos da tradição greco-romana.

A presente leitura é uma análise acerca do fenômeno do conhecimento enquanto percurso de formação humana. Para tanto, utilizamos a base conceitual de Hans-George Gadamer vinculada à tradição hegeliana para quem “a ascensão da palavra formação desperta, mais do que isso, a antiga tradição mística, segundo a qual o homem traz em sua alma a imagem de Deus segundo a qual ele foi criado, e tem de desenvolvê-la em si mesmo” (GADAMER, 1999, p. 49); e o entendimento da formação humana para além de seu viés “natural”, afeito aos processos biológicos, bem como para além do viés social, de aperfeiçoamento de suas aptidões e faculdades (p. 48-51).

O percurso do método: a ciência e humanidade

Há de se entender o ser humano a partir de uma necessidade de formação para assimilar os acontecimentos e a eles atribuir significados. Trata-se de um desejo de entendimento máximo sobre todas as coisas que encerraria o homem na perfeição da divindade. Não obstante as variadas formas de atribuição de significado ao mundo, destacam-se as suas convergências quanto à pretensão de estabelecer suas verdades, especialmente porque são múltiplas as formas de conhecer.

O senso comum, aliado à explicação religiosa e ao conhecimento científico, orientou as preocupações do homem com o universo. Somente no século XVI é que se iniciou uma linha de pensamento que propunha encontrar um conhecimento embasado em maiores garantias, na procura do real. Não se buscam mais as causas absolutas ou a natureza íntima das coisas; ao contrário, procura-se compreender as relações entre elas, assim como a explicação dos acontecimentos, através da observação científica aliada ao raciocínio (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 84).

No entanto, na contemporaneidade, em razão da influência do pensamento iluminista e da construção das bases civilizatórias fincadas em uma racionalidade, o próprio ato individual de exploração do mundo e das relações se encontra fincada em uma sistematização de conhecimentos para fins instrumentais. Não basta mais conhecer, é preciso saber para aplicar. O processo de formação passa a ser conduzido.

Nesses termos, pode-se afirmar que, no atual momento socio-histórico ocidental, a cultura de inserção no conhecimento não se pauta em uma curiosidade metafísica, uma investigação da natureza das coisas como outrora. A orientação social corrente busca o desenvolvimento de uma racionalidade afeita àquilo que é exprimível, no materialmente observável nos moldes atuais das ciências. Estabelece-se então o primado das razões instrumentais, que, por conseguinte, se encontra alicerçado no conhecimento científico em detrimento do senso comum, de forma que:

O ideal de racionalidade, compreendido como uma sistematização coerente de enunciados fundamentados e passíveis de verificação, é obtido muito mais por intermédio de teorias, que constituem o núcleo da Ciência, do que pelo conhecimento comum, entendido como acumulação de partes ou “peças” de informação frouxamente vinculadas (MARCONI, LAKATOS; 2003, p. 76).

Nesses termos, o conhecimento científico, caracterizado por ser “real (factual), contingente, sistemático, verificável, falível e aproximadamente exato (MARCONI, LAKATOS; 2003, p. 77)” acabou por racionalizar seus processos, e desenvolveu regras próprias afeitas à produção de resultados dentro de seus moldes de rigor analítico, dentro do método científico (BUNGE, 1980). Cabe destacar que:

Um mesmo objeto ou fenômeno – uma planta, um mineral, uma comunidade ou as relações entre chefes e subordinados – pode ser matéria de observação tanto para o cientista quanto para o homem comum; o que leva um ao conhecimento científico e outro ao vulgar ou popular é a forma de observação (MARCONI, LAKATOS; 2003, p. 76).

Mas, o conhecimento científico não configura uma estância superior de pensamento, assim como “A ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade” (MARCONI, LAKATOS; 2003, p. 76); de forma que, todo indivíduo que dentro da realidade, a partir formação e desenvolvimento de sua consciência, acaba por estabelecer seus métodos como o intuito de observar e entender os processos nos quais se encontra inserido. Parte-se, portanto, do pressuposto de que toda forma de saber desenvolve seus métodos, de modo que é por intermédio do método que o indivíduo se guia no sentido de saber como conhecer. “Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (MARCONI, LAKATOS; 2003, p. 83).

Neste texto, privilegiamos um método alicerçado no conhecimento popular, o senso comum, que orienta os cidadãos comuns em suas vidas cotidianas. Por senso comum há de se entender a explicação espontânea sobre os acontecimentos, uma interpretação sem critérios rigorosos e sem uma análise minuciosa do objeto. Consiste no conhecimento vulgar, popular, “transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal; portanto, empírico” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 75).

Aponta-se então que, de acordo com Gadamer (1999), a partir de correntes filosóficas clássicas, pode-se associar que o simples ato de existir e observar assemelharia o ser humano de um pesquisador, alguém que dentro de sua unidade de percepção constrói a consciência dos fenômenos, bem como tal processo se faz dentro de um método a ser elegido pelo observador.

É nesse sentido, inclusive, que há de lembrar que a entendimento pelo indivíduo sobre tudo aquilo que é universal passa primeiro pela assimilação em seu nível particular, um nível básico de conhecimento que orienta as pessoas em suas vidas cotidianas, de modo que o “*sensus communis* significa aqui, certamente, não somente aquela capacidade universal que existe em todos os homens, mas, ao mesmo tempo, o senso que institui comunidade” (GADAMER, 1999, p. 63).

De igual medida, de acordo com Gadamer (1999, p. 61-76) a interpretação extraída pelo observador com base em suas vivências e que, portanto, baseia o senso comum “não se alimenta do verdadeiro, mas do provável”, assim, não obstante as

críticas feitas pelo autor a um senso comum que pretenda construir uma universalidade de entendimentos, cabe reconhecer que o senso comum possui seu método. Tem-se então métodos e não apenas um, como o método científico pretende ao apresentar-se a partir de suas pretensões inequívocas. O campo do saber conduzido a partir de regras não possui hierarquia para a construção da verdade, além de ser interessante lembrar que tampouco o próprio método científico se exime da falibilidade (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 75), visto que a ciência caminha na senda de paradigmas que podem ser superados, ou seja, se situa em um conhecimento que pode ser revisto (KUHN, 2017).

Nesses termos apresenta-se então que o indivíduo “comum”, assim como o pesquisador, também investiga e obtém saberes e resultados a partir da articulação de informações e conhecimentos obtidos ao longo de sua vivência. O ser humano orienta-se metodologicamente no cotidiano em sua busca seja qual for a natureza desta: doméstica ou externa; particular ou universal, campo analítico no qual se insere a obra de José Saramago em pauta, conforme se verá a seguir.

Todos os nomes: o fazer metodológico da busca cotidiana

Uma vez que resta evidenciada a associação entre o método e o conhecimento decorrente do saber popular, partimos para a análise de uma obra que permite vislumbrar o contexto epistemológico assinalado: a obra *Todos os nomes* de José Saramago. A Literatura apresenta-se aqui enquanto campo suscetível de investigação sociológica seja nas dimensões macro ou micro, da maneira como se destaca em Antonio Candido; para o crítico,

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 176).

Isto posto, há de se esclarecer que o presente trabalho se fixa predominantemente no segundo aspecto tratado pelo autor; cabe não olvidar que “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído” (CANDIDO, 1995, p. 177), de forma que, assim como qualquer objeto que é produto de fabricação humana, carrega as impressões assimiladas por quem a produz.

Pontua-se a aderência de José Saramago às últimas gerações do romance português contemporâneo – “geração surgida com os anos 70, cuja fecundidade estética se estende aos nossos dias”, segundo Gerson Luiz Roani (2002, p. 16), quem aponta o autor enquanto um crítico da suposta racionalidade do mundo da técnica:

Seu romance deixa de ser apenas o retrato de uma época ou mera crônica social, para se tornar ação. Seu objetivo não é distrair o público, mas sim agir sobre ele, provocando polêmica, reflexão e revisão crítica da história portuguesa. Com inovação, em Saramago, a história se torna o próprio tema dos romances e não apenas um mero pano de fundo. A manipulação literária redimensiona os diferentes dados e elementos históricos em um conjunto ficcional, diferente do universo de onde foram tirados. Ao recriar a história, José Saramago, a reinterpreta, transfigurando-a artisticamente e produzindo uma realidade caracterizada pelos anseios e dados subjetivos do escritor (ROANI, 2002, p. 16-17).

De igual medida, cabe ressaltar que a forma literária romanesca é inerentemente burguesa e, portanto, revestida de ideais individuais; dessa maneira, Lukács (2015, p. 77) pontua que “a forma exterior do romance é essencialmente autobiográfica”, no entanto, tal *essência* não chegaria a constituir uma peculiaridade do gênero em questão, de modo inclusive a se considerar que, com o advento da modernidade e a ascensão das formas individuais de compreensão de si, todos os gêneros também carregariam as mesmas impressões:

A oscilação entre um sistema conceitual ao qual a vida sempre escapa e um complexo vital que nunca é capaz de alcançar o repouso de sua perfeição utópico-imanentemente só pode objetivar-se na organicidade a que aspira a biografia. Para uma situação universal em que o orgânico é categoria de existência que a tudo se impõe, pareceria uma violação insensata de seu caráter precisamente orgânico querer tomar a individualidade de um ser vivo, em sua limitação limitante, como ponto de partida da estilização e centro da configuração (LUKÁCS, 2015, p. 77-78).

Assim, cabe tratar que o romance enquanto gênero conduz diretamente ao encontro com o protagonista e todas as questões inerentes ao seu individualismo, conduz à inserção em seu *habitus*, interesses e perspectivas. Acontece, no entanto,

que, uma vez que tal romance configura uma obra artística, extrapola perspectivas unicamente particulares sobre a existência e seus fenômenos, bem como configura-se em veículo para o entendimento de mundo a partir da totalidade, em termos hegelianos.

A totalidade do romance só se deixa sistematizar abstratamente, razão pela qual também um sistema atingível nesse caso – a única forma possível de totalidade fechada após o desaparecimento definitivo da organicidade – pode ser apenas um sistema de conceitos deduzidos e que, portanto, em seu caráter imediato, não entra em apreço na configuração estética (LUKÁCS, 2015, p. 70).

Nesse compasso, Lukács defende que o romance se vincula a uma integralidade em sua substância e se encontra fincado na constituição de um sistema abstrato a partir da própria vida concreta. Assim, a observação de um mundo particular, da “interioridade do mundo subjetivo” permite situar o conteúdo em uma realidade passível de análise em sua universalidade.

Isto posto, cabe acrescentar que “Assim, na acepção hegeliana, os elementos do romance são inteiramente abstratos” (LUKÁCS, 2015, p. 70), de forma que há também de se apontar que a abstração constitui uma fase de um esquema mental cognitivo. Assim, tendo em vista que a compreensão do fenômeno decorre de um entendimento “(...) aparência plus enunciado” (FEYERABEND, 1977, p. 106), a fase de abstração pelo indivíduo marca um momento de elaboração sobre aquilo que se expõe. De igual forma pode-se afirmar que a abstração não é o todo, e sim uma etapa para compreensão do todo.

Destarte, de forma panorâmica, já resta delineado que o romance possui o condão tanto formal quanto substancial de expressar o percurso do protagonista, Sr. José, em sua busca exterior e interior, assim como os significados em uma jornada investigativa sobre todas as nuances da vida. *Todos os nomes*, então, representam um percurso de descobertas de mundos concêntricos dentro do desejo eminentemente humano de conhecer. Publicado em 1997, essa obra integra o rol dos chamados romances alegóricos de José Saramago; narrativas que pretendem criticar de forma aguda “à irracionalidade das relações sociais e econômicas na contemporaneidade, tratam-se de obras críticas à primazia da proteção do lucro e do mercado financeiro em desfavor da própria humanidade” (LOPES, 2010, p. 140-160).

O enredo de *Todos os nomes* se desenvolve a partir da vida do Sr. José, senhor simples que calha de ser o funcionário mais antigo da Conservatória do Registo Geral, uma espécie de cartório que guarda todos os registros das pessoas naturais no intuito de documentar juridicamente a vida dos cidadãos. Assim, tendo em vista que todo o

enredo se desenvolve a partir da vida do Sr. José, sendo ele o seu foco narrativo, de modo que “de todos os nomes, é o único que possui nome próprio e não um epíteto que designa uma qualidade, uma característica, um parentesco ou um cargo” (FERRAZ, 2012, p. 193) convém analisá-lo primariamente para que, no próximo tópico, se possa observar o percurso por ele realizado e suas relações com as outras poucas personagens. Dessa forma se expõe que a personagem de José:

É auxiliar de escrita na Conservatória Geral do Registo Civil há vinte e seis anos. Tem cinquenta e dois anos, é um homem solteiro, solitário, metódico, cordato, reservado, humilde, sem bens materiais, reside em um pequeno anexo da Conservatória Geral. Além de fazer omeletes, seus dotes culinários não passam de abrir latas. Possui uma garrafa de aguardente que guarda para as ocasiões boas e ruins, mas sua vida não tem nem ocasiões boas e ruins (FERRAZ, 2012, p. 192-193).

Outrossim, o ponto de virada do protagonista em sua vida corriqueira e pacata de funcionário público decorre de seu *hobby* secreto: documentar a vida de pessoas famosas e transcrever seus verbetes, registros de nascimento e morte. O problema se dá pelo fato de tais incursões se darem fora do horário de trabalho e em razão de interesse pessoal, de modo que o Sr. José, se valia de “privilégios” que recebera em razão da confiança do poderoso Conservador, visto que residia quase de forma contígua ao ambiente de trabalho e também possuía a chave das dependências da Conservatória.

Nessa toada, o momento de crise da narrativa se dá a partir de um impulso de curiosidade sobre a sua vida prática. José, homem de poucos interesses além de suas funções de trabalho, ao manusear os verbetes, resolve sair em busca de uma mulher aleatória e descobrir quais os outros fatos de sua vida para além daquele mero nome transcrito, de modo que, com seu metodismo, estabelece um objetivo a partir de um problema detectado por sua curiosidade – a inexistência de mais informações sobre a mulher desconhecida.

Veja-se que o impulso curioso amplia a sua base de atuação diante do próprio mundo, de forma que “José começa a se preocupar com algo além de fazer bem o seu trabalho”. Assume então a postura de observador ativo em seu desejo de conhecer e “tal objetivo o torna vivo novamente” (FERRAZ, 2012, p. 193). Desponta que o próprio exercício da atividade de busca por José lhe impinge as marcas de uma nova formação de si perante um mundo ampliado. O entendimento sobre a imediatidade do trabalho que exerce não mais o satisfaz, e acaba por romper o poder da autoridade da Conservatória e do Conservador.

Essa preocupação o faz mentir, invadir uma propriedade privada, sair da Conservatória, conhecer lugares diferentes e, para tanto, vai vencendo as tonturas, os medos, os anseios, as fobias. Foi o fio de Ariadne que o trouxe de volta à vida. Escreve uma espécie de diário das suas aventuras e conversa muito consigo mesmo e com personificações, com o teto do seu quarto. Mesmo com todo o desejo de encontrar a mulher desconhecida, conhece a mulher do rés-do-chão direito, por quem nutre uma amizade muito especial (FERRAZ, 2012, p. 193).

Assim, enquanto um cotidiano alienado em suas práticas permite que autoridades alheias se imiscuem na formação do próprio sujeito e passem a ditar seus interesses, o Sr. José, aos poucos, concebe modificações em sua vida, o que exprime a ocorrência de mudanças dentro de si e, por reflexo, mudanças na forma de relacionar-se. Entremostra-se, de forma panorâmica, que a obra então se desenvolve a partir de reflexões de problemas macro e micro da vida em sociedade e do espaço dos indivíduos dentro dela, enfrenta questões existenciais como identidade, pertencimento, envelhecimento e afetos ao mesmo tempo que trata de fenômenos socio-históricos como a burocracia, o trabalho, o tempo e os processos humanos.

Embora a caracterização psicológica da personagem principal seja necessária para que se possa entender as circunstâncias subjetivas na construção da narrativa, o contexto representa a base para a constituição das próprias personagens, visto que “o enredo existe através das personagens” (CANDIDO, 2014, p. 53), de feitio que pensar a própria busca do Sr. José requer enfrentar seu contexto. A busca cotidiana comunica-se diretamente com a realidade na qual o indivíduo se situa.

O percurso do método em *Todos os nomes*: a memória da busca

Feitas tais considerações perfunctórias, há de se encarar os aspectos substanciais mais específicos da obra, assim, apenas para fins de recorte metodológicos, o foco crítico recairá sobre três elementos que Antonio Candido apresenta como essenciais para que se possa compor uma análise integral do romance através de suas personagens: o enredo e a personagem, que são dois elementos que representam a matéria tratada, e o terceiro elemento que são as ideias, elemento que trata da elaboração do significado do todo (CANDIDO, 2014, p. 53-54). O crítico esclarece esse último termo como sinônimo dos mencionados valores e significados; sua análise pressupõe uma expressão sintética do que foi dito, já a articulação desses três elementos, por sua vez, decorre do domínio técnico do escritor (2014, p. 54).

Nesses termos, parte-se para a busca a partir de um processo de iluminação sobre os percursos da vida, conforme se deu com Sr. José em razão de suas incursões mentais sobre os deslindes de sua própria função.

É bem possível que uma consciência subitamente mais inquieta da presença da Conservatória Geral do outro lado da grossa parede, aquelas enormes prateleiras carregadas de vivos e de mortos, a pequena e pálida lâmpada suspensa do tecto por cima da mesa do conservador, acesa todo o dia e toda a noite, as trevas espessas que tapavam os corredores entre as estantes, a escuridão abissal que reinava ao fundo da nave, a solidão, o silêncio, é possível que tudo isto, num instante, pelos caminhos mentais já mencionados, o tivesse feito perceber que algo de fundamental estava a faltar às suas colecções, isto é, a origem, a raiz, a procedência (SARAMAGO, 1997, p. 25).

Trata-se então do momento no qual, a partir de considerações sobre o seu próprio labor, o Sr. José foi capaz de estabelecer relações entre o seu trabalho e a descoberta da própria vida, de modo que desponta o estabelecimento de uma compreensão da necessidade de método para chegar a um instrumental hígido capaz de guarnecer a investigação pretendida, de forma que acabou por chegar à conclusão que “seus esforços de biógrafo voluntário de pouquíssimo serviriam, objectivamente, sem a inclusão duma prova documental” (SARAMAGO, 1997, p. 26).

Daí, se acompanha as ações do protagonista enquanto deslindes de seus sistemas de associações mentais sobre como encontrar os dados necessários para conduzir sua busca pela mulher desconhecida, de modo que o põe diante da disposição para encontros, sendo o encontro com a senhora do rés-do-chão direito um dos contatos mais frutíferos, quem logo “ao fim da primeira conversa com José, dá a ele uma ideia que o desconcerta: procurar na lista telefónica. Deixa o convite para José retornar mais vezes, pois uma chávena de café sempre o estaria esperando” (FERRAZ, 2012, p. 293).

Nota-se que os encontros inerentes à questão geral acabam por reorientar à própria forma de investigar. O contato com o outro conduz à exposição dos equívocos e lapsos próprios à falibilidade do observador humano, de modo inclusive que o Sr. José muitas vezes se pega diante de um mal-estar ocasionado pelos encontros que constituem uma etapa da busca.

(...) mandado à procura do que estava longe e oculto, era incapaz de ver o que se encontrava diante dos olhos e ao alcance da mão. Sem chapéu nem guarda-chuva, o Sr. José

recebia diretamente na cara a poalha de água, rodopiante e confusa como os desagradáveis pensamentos que iam e vinham dentro da sua cabeça, todos eles, porém, começou a nota-lo logo, ao redor de um certo ponto central, ainda pouco discernível, mais que pouco a pouco se tornava mais nítido (SARAMAGO, 1997, p. 67).

Outrossim, o foco narrativo permite que se possa imiscuir desde as etapas iniciais da pesquisa, que consistem na decisão sobre o próprio tema a ser investigado, momento no qual pretende-se responder à pergunta “o que será explorado?”, de modo que “o assunto escolhido deve ser exequível e adequado em termos tanto dos fatores externos quanto dos internos ou pessoais” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 158).

É dessa maneira que se acompanharmos ao Sr. José no percurso de seu método, ainda que informal, afeito ao conhecimento popular e sem procedimentos científicos estritos, encontramos o homem que sistematiza a sua forma de investigar os fenômenos. Passa pelas fases da pesquisa de forma ampla, bem como parte para sua execução após planejamento e coleta e interpretação de dados.

Como um jogador de xadrez experiente, havia calculado os lances, na verdade não é muito difícil, quando se está bastante seguro das causas objectivas imediatas, avançar prospectivamente pelo leque dos efeitos prováveis e possíveis e da sua transformação em causas, tudo a gerar em sucessão efeitos causas efeitos e causas efeitos causas, até ao infinito, mas já sabemos que o caso do Sr. José não será para ir tão longe (SARAMAGO, 1997, p. 94-95).

O objetivo geral, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 219), que estruturalmente pode ser entendido enquanto “visão global e abrangente do tema” parece ser encontrar a mulher desconhecida; para tanto dilui seu trabalho investigativo em objetivos específicos, e, portanto, com “função intermediária e instrumental”. O Sr. José enquanto pesquisador obtém sobre ela atualização de seu estado civil, o conhecimento de sua história desde a infância até a vida adulta, seu trajeto de vida que possibilitaria compreender a sua forma de estar no mundo.

A inclinação para o método do Sr. José desponta ainda no cuidado para com os dados e os procedimentos, assim como o zelo para com a organização do instrumental da pesquisa; podemos constatar que sua tarefa se realiza a partir do fichamento de suas investigações colhidas a campo com fins de documentar “os passos de alguém à procura de alguém” (SARAMAGO, 1997, p. 74) em um caderno de

apontamentos que atualiza minuciosamente e guarda como preciosidade debaixo do colchão.

Estava prestes a cair no sono quando se lembrou do caderno de apontamentos em que narrara os primeiros passos de sua busca. Escrevo amanhã, disse, mas esta nova urgência era quase tão premente como a de comer, por isso foi buscar o caderno. Depois, sentado na cama, com o roupão vestido, o casaco do pijama abotoado até o pescoço, aconchegado nos cobertores, continuou o relato a partir do ponto em que tinha ficado. O chefe disse-me, Se não está doente, como explica então o mau trabalho que a andou a fazer nos últimos dias, Não sei, senhor, talvez seja porque tenho dormido mal. Com a ajuda da febre, continuou a escrever pela noite adentro (SARAMAGO, 1997, p. 136).

Ao documentar suas incursões a campo, o Sr. José também o faz enquanto exercício de memória; busca adotar procedimentos de documentação dos dados levantados e do próprio percurso realizado. “Reter, esquecer e voltar a lembrar pertencem à constituição histórica do homem e formam mesmo uma parte de sua história e de sua formação” (GADAMER, 1999, p. 56). É então, por intermédio de uma memória produzida em termos de registros, que o Sr. José investiga e organiza as experiências vividas, tanto no sentido particular, para dotar a suas ações de sentido, quando no sentido universal, para estabelecer relações entre os fenômenos e os situar dentro de um contexto mais amplo, o contexto social. Dessa forma, as observações do Sr. José se mostrariam constitutivas do próprio sujeito que tenta compreender seus processos de formação, sua condição diante de um mundo complexo.

Sabendo que seu problema de pesquisa gravita a localização da mulher desconhecida, cabe apresentá-la como uma personagem de grande relevo para o enredo, embora não presente frontalmente; embora “sem presença física durante todo o romance”, é ela quem conduz o olhar do Sr. José diante de seu percurso, de modo que “tudo o que sabemos dela foi descoberto através das pesquisas e entrevistas do Sr. José, atividade esta que se iniciou quando ele acidentalmente pega o verbete, os arquivos, que correspondem a sua pessoa” (FERRAZ, 2012, p. 241).

Salma Ferraz expõe que “temos que a mulher desconhecida foi professora de matemática no colégio em que estudara antes de entrar para a Universidade, foi casada, não teve filhos e, depois do divórcio, foi morar sozinha. Suicidou-se aos trinta e seis anos sem deixar explicações ou bilhete, ingerindo em excesso comprimidos para dormir” (FERRAZ, 2012, p. 241). Tem-se a presença de uma personagem construída a partir de uma compreensão secundária decorrente do próprio trabalho

de busca do Sr. José. Diante disso a mulher desconhecida se forma aos poucos a partir dos resultados obtidos pelo Sr. José e que decorrem de sua coleta das informações.

Tomou a caneta para principiar, mas, no meio do gesto, os seus olhos encontraram o papel onde tinha escrito as direcções, havia algo em que não pensara antes, a hipótese, muito plausível, de que a mulher desconhecida, depois de se divorciar, tivesse ido viver com os pais, a hipótese, igualmente possível, de que fosse o marido a deixar a casa, conservando-se o telefone em seu nome (SARAMAGO, 1997, p. 75).

Destarte, embora no começo da obra o impulso do Sr. José para uma busca tenha se dado aparentemente desprovido de motivação específica, ao longo da própria investigação acaba por apresentar sua justificativa. O “porquê” se forma paulatinamente durante a jornada.

Essa busca desenfreada do Sr. José para levantar o passado desta mulher desconhecida, que não é compreendida nem por ele mesmo, pode significar um resgate de seu próprio passado. De certa forma, ele se sente próximo desta mulher que é tão anônima quanto ele, como tanto outros indivíduos registrados na Conservatória e que, com certeza, passarão pela vida em brancas nuvens sem deixar sua marca na história (FERRAZ, 2012, p. 242).

Brota que o próprio percurso transcorrido pelo Sr. José em suas investigações à campo – e que cabe lembrar, foram variadas, uma vez que englobaram consultas à fontes oficiais, informais, diretas e indiretas e até mesmo ilegais quando do caso do episódio de arrombamento da escola onde estudou a mulher desconhecida – embora guiado por um plano inicial, muitas vezes também foi intuído a partir de hipóteses levantadas no curso da própria busca.

Há de se apontar que as hipóteses se relacionam com a sensibilidade do pesquisador, vez que também decorrem da “maneira particular pela qual o indivíduo reage aos fatos, à cultura em que vive, à ciência, ao quadro de referência de outras ciências e às observações constitui também fonte de novas hipóteses” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 135). As autoras então reconhecem que experiência pessoal impacta no entendimento dos fenômenos, ou seja, na sua observação. “Não há normas ou regras fixas que limitem a possibilidade de elaborar hipóteses (não nos estamos referindo aos requisitos necessários para que uma hipótese seja científica), assim

como não se limita a criatividade humana ou se estabelecem regras para ela” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 132).

Ora, tal dinâmica se relaciona com o já referido processo de abstração dentro do momento de conhecimento e que, na obra em questão, conforme resta exposto, se desenvolve nos moldes de um raciocínio indutivo.

No entanto, cumpre expor que o fenômeno real, em razão da sua natureza integral, se dá sem secção, de forma que “Não há dois atos: um, de percepção do fenômeno; outro, correspondente à sua expressão com o auxílio do enunciado cabível. Há um ato apenas” (GADAMER, 1999, p. 106). Pode-se afirmar então que o Sr. José diante da própria inquietação para a busca e seu percurso fático correlato, abstrai sobre si e sobre o mundo.

Isto posto, o ser humano ao induzir a sua existência diante do mundo evidencia o movimento de transcurso da percepção de categorias estritamente particulares para categorias universais. No entanto, tal processo não se dá de forma neutra e, portanto, não pode pretender parcialidade, visto que:

A perspectiva cria a ilusão do espaço tridimensional, projetando o mundo a partir de uma consciência individual. O mundo é relativizado, visto em relação a esta consciência, é constituído a partir dela; mas a esta relatividade reveste-se da ilusão do absoluto. Um mundo relativo é apresentado como se fosse absoluto. É uma visão antropocêntrica do mundo, referida à consciência humana que lhe impõe leis e óptica subjetivas (ROSENFELD, 2015, p. 77-78).

No entanto Anatol Rosenfeld (2015, p. 81) também reconhece que o problema da perspectiva enquanto relativização do real não é um problema inerente ao romance, mas sim do próprio fenômeno do conhecimento, visto que “espaço e tempo, formas relativas da nossa consciência, mas sempre manipuladas como se fossem absolutas são por assim dizer denunciadas como relativas e subjetivas”.

O ponto recai sobre um problema da representação feita pelo humano, de modo que esta se reveste de uma subjetividade inerente à consciência que é por substancialmente parcial. Remete-se então ao problema da mimesis embora a mimesis artística e romântica possa acentuar ao debate.

Feitas tais considerações, cabe apresentar que se defende uma perspectiva geral da obra no sentido de “O que parece predominar em *Todos os Nomes* é uma busca ontológica, gnoseológica e ética fadada ao fracasso global, quando muito tendendo a recomenços continuados no universo opaco e alienado em que se está” (LOPES, 2010, p. 155au). Assim, em termos de personagens, se soma a este cenário a

figura do Conservador, autoridade burocrática que espraia seu poder por toda a obra. Este seria, por seu turno:

Frio, calculista, irônico e implacável, sua figura remete à figura de um ditador que impõe ordem e controla tudo devido à sua grandeza e imponência. Como um devorador de mundos, ele tem o governo absoluto de cada milímetro da Conservatória sobrepujando a todos num ar de soberania e despeito. Respeitado em demasia por todos, ele mesmo faz questão de ostentar sua natural superioridade, como se observa em uma de suas conversas com o Sr. José. A analogia entre o conservador e Deus é coerente já que os dois são perfeitos, onipotentes, onipresentes e oniscientes (FERRAZ, 2012, p. 108).

O Conservador representa então a personificação da Conservatória, um poder incontestável dentro da complexidade das relações burocráticas; é a personagem que administra a Justiça e mantém domínio sobre o próprio Sr. José.

Assim, embora a busca seja constitutiva do próprio sujeito, a teia de relações por ele mantida é determinada pelas suas contingências, sendo o trabalho uma das principais. Após episódios de perdas humanas aquando de visita aos arquivos da Conservatória, como a de um “imprudente historiador” e de quem em razão do sumiço diante da busca presumiu-se a morte, o Conservador estabelece ordem de serviço para que todos os funcionários que consultem aos arquivos dos mortos utilizem o fio de Ariadne como instrumento de segurança para que possam regressar do percurso labiríntico dos arquivos dos mortos (SARAMAGO, 1997, p. 207). Cabe destacar o fio de Ariadne como o método decorrente do próprio exercício da profissão.

Esta reiterada examinação das situações que vêm surgindo, estas aturadas reflexões, estas ponderações minuciosas sobre o claro e o escuro, sobre o directo e o labiríntico, sobre o limpo e o sujo, estão a passar-se, todas elas, tal e qual relatam, na cabeça do Sr. José. O tempo empregado a explica-las, ou, falando com mais rigor, a reproduzi-las, aparentemente exagerando, é a consequência inevitável, não só da complexidade, tanto de fundo como de forma, dos factores mencionados, mas também da natureza muito especial dos circuitos mentais do nosso auxiliar da escrita (SARAMAGO, 1997, p. 173-174).

O método assim relaciona-se diretamente com o alcance dos fins destinados ao trabalho. Segue, portanto, um ideal de racionalização dos processos humanos, pretende tornar tudo prático, assim como constrói um conhecimento decorrente da própria empiria, visto que “a mentalidade uniforme dos funcionários formava-se sobretudo na prática do serviço, regulada nos primeiros tempos com rigor e precisão” (SARAMAGO, 1997, p. 205).

Vivenciar significa, de início, “ainda estar vivo, quando algo acontece”. A partir daí a palavra “vivenciar” passa a carregar o tom da imediatez com que se abrange algo real - ao contrário daquilo que se pensa saber, mas para o qual falta a credencial da vivência própria, quer o tenhamos recebido de outros, ou venha do ouvir falar, quer o tenhamos deduzido, intuído (*gemutmasst*). O vivenciado (*das Erlebte*) é sempre o que nós mesmos vivenciamos (*das Selbsterlebte*) (GADAMER, 1999, p. 118).

No entanto, para além de uma mentalidade reducionista, a necessidade de método acaba por permear a própria existência humana, e, portanto, constitui um conjunto de saberes decorrentes do ato de vivenciar e dali extrair o seu saber. Representa uma “clareza de pensamento”. É o saber popular que acaba por ser sistematizado e que tem, sobretudo, sua aplicação nos processos cotidianos, pois “que o que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca e que é preciso andar muito para alcançar o que está perto” (SARAMAGO, 1997, p. 69).

A busca do Sr. José se assemelha a uma pesquisa sobre as contingências da vida dentro de um mundo cada vez mais complexo e não desbravado pelas “gentes comuns”, assim como demonstra que a busca por respostas externas decorre de um momento inicial de perguntas interiores, nos termos de uma integralidade dos processos e da convergência do universal no particular.

Conclusão

O romance *Todos os nomes* se assemelha a um labirinto e, portanto, conduz à metáfora da busca humana. Nesse espaço labiríntico-individual, o que molda os processos particulares é a assimilação das contingências da vida. Cabe então afirmar que todos buscam. O impulso humano para a descoberta, para uma curiosidade sobre todas as coisas, mesmo diante da segmentação dos saberes pela ciência moderna, persiste.

O ser humano em sua integralidade, no cerne do seu espírito que almeja o ideal, explica e diante disso encontrará questões relacionadas ao como explicar, visto que a busca pelo “por quê” passa pela busca pelo “como”. Nesses termos, ao se entender o método como um conjunto de saberes afeito à sistematização das informações colhidas e sua interpretação para estabelecer bases confiáveis, infere-se que a metodologia se relaciona com o estudo dos diferentes modos de saber, o que, portanto, requer uma superação de um chauvinismo científico, assim como o reconhecimento de que há uma multiplicidade de saberes que, ao invés de se excluir, devem coexistir e dialogar.

A necessidade de método para a investigação, de uma sistematização afeita a uma ordenação das informações no sentido de estabelecer conexões hígdas entre cada procedimento de investigação, não se trata de pretender apresentar resultados capazes de estabelecer uma verdade inequívoca, esgotada e perfeita.

Veja-se então que as idiossincrasias dos sujeitos impactam nas explicações por eles pretendidas, ou seja, os resultados apresentados também decorrem do horizonte interpretativo do pesquisador. Há de se buscar inclusive a superação do mito do olhar neutro da ciência. Isto posto, o percurso do método trata-se de uma condução de observações organizadas e, que, destarte, buscam diminuir a falibilidade nas ações humanas em razão da construção de um conhecimento verossímil.

Outrossim, a obra analisada também evidencia que a busca é um trabalho humano de manutenção da própria existência, aqui entendida enquanto vida interior e exterior, seja para a psíquica, orientada à atribuições de significados, seja para a vida fático-prática, orientada à manutenção dos processos, assim como relaciona-se com a percepção de cada uma dessas etapas pelo indivíduo, de modo que pode ter alcance particular ou universal.

No entanto, uma experiência de conhecimento plena, crítica, e afeita a uma expansão da consciência por meio de análises que permitem uma abstração das condições, conduz o indivíduo à superação de suas perspectivas limitadas para o entendimento de questões mais amplas. O fazer metodológico, se aplicado cotidianamente, permite a transpor às questões particulares e encontrar questões universais. Tais processos mentais e argumentos se sobrepõem e acontecem sem distinção. Como ressalta Saramago (1997, p. 23) “tudo volta ao princípio, tudo torna a confundir-se”, o ser que busca também o faz de maneira integral e a multiplicidade de saberes se desenvolve dentro da própria complexidade do mundo e eventuais angústias que esta possa suscitar.

Em igual medida, a procura pela mulher desconhecida é uma das unidades de busca pelo Sr. José. Assim, visto que a mulher desconhecida constitui o cerne do problema investigativo do livro, o protagonista assume que uma das etapas do procedimento de busca é a obrigatoriedade do encontro com o outro a partir do encontro consigo. Nesses termos, sobre *Todos os nomes*, Saramago (2013) diz que:

Depois, o aprendiz, como se tentasse exorcizar os monstros engendrados pela cegueira da razão, pôs-se a escrever a mais simples de todas as histórias: uma pessoa que vai à procura de outra pessoa apenas porque compreendeu que a vida não tem nada mais importante que pedir a um ser humano. O livro chama-se *Todos os Nomes*. Não Escritos, todos os nomes estão lá. Os Nomes dos vivos e os nomes dos mortos (SARAMAGO, 2013, p.87).

É diante de tal panorama que o Sr. José se entrega ao percurso, que, mesmo orientado por um método, precisa ser revisto em razão dos pontos-cegos que são evidenciados quando do processo de interação humana. Nota-se então que a pesquisa também é abertura para a intuição do observador a partir do conhecimento adquirido durante o trajeto. O fazer-se enquanto sujeito que anseia pelo conhecimento decorre do empirismo da vida cotidiana, das vivências e de um rigor de análise que pode ocorrer dentro de todos os campos do saber; assim, o método também representa um exercício de pensamento, uma chamada para a organização mental sobre os fenômenos que são percebidos pelo protagonista do referido romance metodológico.

Destarte, em *Todos os nomes* Saramago expõe a busca como constitutiva do ser, de modo que o ímpeto por desbravar é inerente ao simples ato de viver e, dentro dessa jornada humana, o método se apresenta como a ferramenta disponível para desbravar o caminho na tentativa de registrar e analisar o que for possível dentro do insofismável mistério humano.

Referências

- CANDIDO, Antonio et al. "O Direito à Literatura". In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1995.
- CANDIDO, Antonio. "A personagem do romance". In: Candido, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FERRAZ, Salma. *Dicionário de personagens de José Saramago*. Blumenau: Edifurb, 2012.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método. Esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.
- GADAMER, Hans-Grorg. *Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Boeira e Nelson Boeria. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LOPES, João Marques. *Saramago: Biografia*. São Paulo: Leya, 2010.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2 ed. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003

ROANI, Gerson Luiz. *No Limiar do Texto: Literatura e História em José Saramago*. São Paulo: Annablume, 2002.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SARAMAGO, José. *Da Estátua à Pedra e Discursos de Estocolmo*. Belém: EDUFPA, 2013.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.